



## ***O Amor está no Ar e a pós-modernidade***<sup>1</sup>

Maria Grijó SIMONETTI<sup>2</sup>  
Gabriela Santos ALVES<sup>3</sup>

Universidade do Espírito Santo, Vitória

### **RESUMO**

Este artigo propõe a análise do primeiro longa-metragem capixaba, o filme *O amor está no ar* (1997) de roteiro e direção de Amylton de Almeida, na perspectiva das teorias sobre a pós-modernidade e, principalmente, dos assuntos como a paixão e a solidão, tendo como base o relacionamento do casal de protagonistas do filme interpretados por Eliane Giardini e Marcos Palmeira. Ainda aborda o uso da trilha sonora no longa-metragem.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; *O amor está no ar*; pós-modernidade.

### **TEXTO DO TRABALHO**

O filme *O Amor está no ar* (1997) de direção e roteiro de Amylton de Almeida é considerado o primeiro longa-metragem capixaba, objetivamente porque grande parte dos membros de sua equipe era capixaba e foi filmado e produzido no Espírito Santo, mas também por possibilitar os capixabas se verem na grande tela e se identificarem, desde o sotaque as paisagens da capital, Vitória, que ambienta o enredo. O longa-metragem de 82 minutos conta a história de Lora Berg (Eliane Giardini), radialista apresentadora de um programa de encontros na Rádio Espírito Santo em que os ouvintes à procura de um amor se apresentam com pseudônimos. Em um dos programas, Lora conhece o Cavaleiro do Amor, Carlos Henrique (Marcos Palmeira). Os dois se aproximam aos poucos até que se tornam amantes: ela, mulher de meia idade, instruída, com uma grande carreira de sucesso e mãe; ele, jovem rapaz, semianalfabeto, morador da periferia de Vitória e desempregado. Apesar de muita repreensão dos amigos e da empregada, Lora deixa com que Carlos more em sua casa e dá a ele tudo que precisa (desde documentos à videogames passando por roupas). Em meio a idas e vindas, temos uma história de amor e solidão com um pouco de ópera e música popular.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social – Audiovisual da Ufes. email: maria.grijos@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora. Professora do curso de Comunicação Social da Ufes. email: gabrielaalves@terra.com.br



Este filme foi produzido no contexto do Polo Cinematográfico do Espírito Santo, que além desse financiou outros três filmes: *Vagas Para Moças de Fino Trato* (1993) de Paulo Thiago *Lamarca* (1994) de Sérgio Rezende, e *Fica Comigo* (1998) de Tizuka Yamasaki. Esse Polo foi uma iniciativa do Governo do Estado do Espírito Santo via Bandes (Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo) em que havia o financiamento dos filmes, desde que filmadas algumas cenas em solo capixaba e, muitas vezes, os diretores lecionavam oficinas para técnicos e realizadores locais. Mas o próprio Amylton de Almeida questionou a aplicação dessa forma de incentivo, que diversas vezes se voltava para diretores e produtores de fora do estado e o legado deixado no Espírito Santo era pífio:

Ninguém poderia concordar com a política do governo passado, de patrocinar “diretores” do Rio de Janeiro, que utilizariam mão-de-obra barata, a pretexto de “formação”, através de “oficinas”. Tudo muito indigente, numa filosofia que menospreza o movimento cultural capixaba. (ALMEIDA, 1997, p.25)

Além do Bandes e do Governo do Estado do Espírito Santo, *O amor está no ar* obteve recursos da Lei do Audiovisual da ANCINE (Agência Nacional do Cinema) e do Ministério da Cultura, além da Lei Rubem Braga da Prefeitura Municipal de Vitória. Totalizando um gasto, aproximado de US\$ 1,5 milhão (NAGIB, 2002).

Durante o período de produção, o primeiro longa-metragem capixaba teve muitos problemas. Logo no início das filmagens o diretor foi diagnosticado com câncer, ainda durante as filmagens muitas cenas tiveram de ser cortadas (não feitas) e, antes da sua edição, ocorre o falecimento de Amylton. Logo, o filme foi todo editado sem a presença do seu diretor, o que pode explicar a falta de articulação entre algumas sequências (GONÇALVES; SIQUEIRA, 1996). Entre o fim das filmagens e o início da montagem decorreu muito tempo, já que o longa-metragem teve problemas orçamentários e teve de arrecadar mais verba para sua finalização.

Junto com Amylton, Fabiano Gonçalves e Marcelo Siqueira, escreveram o roteiro após o curso de “Imagem & Corpo”, do qual participaram, dado por Amylton Almeida na Escola de Teatro, Dança e Música Fafi da Secretaria Municipal de Cultura em Vitória, quando foi produzido um documentário chamado *Cupido no ar* que tratava dos participantes de um programa de rádio, o *Correio do Amor*, que promovia tal qual o programa ficcional, encontros amorosos. Os dois co-roteiristas foram assistentes de



direção de Amylton no filme e Gonçalves foi responsável por “representa-lo” na época da edição, estando sempre ao lado da montadora, com as anotações do falecido diretor. Sua presença foi de extrema importância já que inúmeras modificações foram feitas após a primeira montagem, idealizada por Amylton (NAGIB, 2002; GONÇALVES; SIQUEIRA, 1996).

*O Amor está no ar* foi exibido no Festival de Gramado do ano de 1997, onde sua protagonista, Eliane Gardini, foi premiada como melhor atriz e pode ser visto por críticos de importantes jornais do país, que caracterizaram o longa-metragem como “simpático”, apesar da falta de ritmo (FOLHA DE SÃO PAULO, 1997) e que há “fraquezas no roteiro melodramático” (O ESTADO E SÃO PAULO, 1997). A estreia nos cinemas capixabas ocorre no mesmo ano e para o público carioca em agosto de 1998<sup>4</sup>, quando foi analisado pelos críticos que recomendaram aos espectadores que fugissem do filme. O filme teve, em salas de cinema, um público aproximado de 5.877 pessoas e arrecadou cerca de 30 mil reais<sup>5</sup>. Ele ainda foi exibido na Mostra São Paulo de 1998.

Vale a pena ressaltar que, pelo o público capixaba, o filme era muito esperado. Não só por se tratar do primeiro longa-metragem do estado, mas também porque seu diretor, Amylton de Almeida, era um importante intelectual e crítico de cinema do Espírito Santo.

### ***O Amor está no ar e a sua trilha sonora***

Em *O amor está no ar* está muita clara a referência e a importância das músicas escolhidas para trilha sonora. Das músicas utilizadas no filme, nenhuma foi composta exclusivamente para ele, o que já demandou um sério trabalho de escolha, já que antes do filme essas canções já têm significados. É muito claro o uso contrastante das músicas de apelo popular como as de Roberto Carlos, a versão em espanhol da música “Mulheres” de Martinho da Vila e ainda uma canção da cantora Alcione e a ópera “Tannhauser” composta por Richard Wagner. O próprio diretor do filme escreveu sobre o uso em específico de dois compositores: “A ópera serve de trilha sonora, em seus [de Lora] melhores momentos, ao mesmo tempo em, na rádio, o som é do Roberto Carlos, o

---

<sup>4</sup> CINEMA. **O Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 14 de agosto de 1998. Programa. p. 7.

<sup>5</sup> FILMES Brasileiros Lançados 1995-2011.. [S.I]: ANCINE, [2012?] Disponível em <<http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2102a.pdf>>



capixaba que só fala sobre abandono – e que vem a ser a condução dos ouvintes que procuram amor” (ALMEIDA, 1995, p. 26).

No caso deste filme, em que o enredo é claramente inspirado no enredo da ópera de Richard Wagner, não só o enredo, mas também os nomes dos personagens. A ópera conta a história de Tannhauser um cavaleiro que se apaixona por Vênus, a Deusa do Amor, que dava a ele tudo que queria e ficava em um monte. Em baixo, na cidade, ele tinha uma namorada, Elisabeth, que era apaixonada por ele. O cavaleiro ficava vagando entre os dois mundos, o monte da Deusa e a cidade de sua namorada. Uma história muito parecida com a de *O amor está no ar*, já que Carlos Henrique mantém ao mesmo tempo uma relação com Lora e com Isabel, sua antiga namorada. É descoberto por Lora, mas eles continuam a relação, ficando ele, então, entre o novo mundo apresentado pela protagonista em que novas possibilidades são descobertas, diferentes culturas são apresentadas, novas roupas, novas formas de diversão, enfim, um novo horizonte de vida; e a sua antiga vivência, onde está a família e suas raízes, onde talvez, ele se identifique mais. Percebe-se, então, que a trilha sonora não tem somente um papel como música, mas ela é de importância vital para o filme em seu roteiro. É quase também, como uma sinopse, do filme.

No caso desse filme, as músicas são usadas no que Marcel Martin (2011, p. 141) chama de papel lírico em que “a música pode finalmente contribuir para reforçar a importância e a densidade dramática de um momento ou de um ato”. A mesma ópera é usada em momentos de extrema tristeza e agonia da protagonista, quando ela descobre a traição de seu amante. A música em consonância com a imagem, nos ajuda a ter sensações que se aproximam das sensações dela.

Há ainda muito uso de músicas como som diegético, em que os personagens ouvem a música que faz parte da trilha sonora do filme. Na cena em que Lora dança, junto com Carlos, ao som de “Mujeres” (a versão em espanhol da música “Mulheres”). Ali, vemos uma intelectual, nobre senhora da sociedade capixaba dançar ao som de uma música popular, que beira ao estilo musical brega. É, portanto, a encenação do encontro desses universos diferentes, o de Carlos e o de Lora. Quando ouvimos pela primeira vez no filme Tannhauser, é também a primeira vez que Carlos Henrique ouve em sua vida, o que faz necessário Lora explicar para ele o enredo da música e, ao mesmo tempo, ela



está explicando aos expectadores a inspiração do roteiro do filme, ela está, de alguma forma, já nos contando a história que está por vir.

### **O filme, a paixão e a pós-modernidade**

Em *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Stuart Hall (1992) apresentou algumas das possíveis características da pós-modernidade, sendo possível encontrar intersecções com o longa-metragem analisado nesse artigo, já que ele retratada um amor vivido na década de 90 e que tem como plano de fundo as diferenças socioeconômicas do casal. O autor diz que, em nossa época, as estruturas sociais estão modificadas não sendo o indivíduo mais refém, concretamente, delas.

Em *O amor está no ar*, as estruturas de classe sociais ainda está solidamente formadas, transformando a realidade social de Carlos Henrique e sua família no completo oposto do de Lora: ela tem uma grande casa a sua disposição, em que mora sozinha, um emprego que lhe concede prestígio social; a família de seu amante está prestes a ser despejada de um casebre na periferia da cidade, onde moram todos – mãe, filho e irmão – e Carlos Henrique não possui emprego, nem estudos. O filme nos deixa claro essa separação entre os dois, como se eles não pertencessem a um mesmo local. Mas, há uma intersecção, já que eles se encontraram e mantém um romance, só que ao mesmo tempo, os dois permanecem com realidades separadas, principalmente, Carlos Henrique, que tem vínculos amorosos e afetivos com sua família e antiga namorada da periferia. Já Lora – e esse é um dos motivos de ela se relacionar com ele – não possui uma grande vida social com amigos, está muito mais sozinha.

Enquanto é o amante da apresentadora do rádio, frequentador de festas culturais, um homem sedento por cultura, por estudo e por uma oportunidade, Carlos é também o filho de uma humilde senhora, detentor de uma saúde frágil, e, porque não, aproveitador. Podendo-se assim se aproximar do sujeito pós-moderno de Hall (1992, p. 13), que é composto por diversas identidades, em diferentes momentos, podendo ser, até mesmo, contraditório. Tendo em mente essa fragmentação da personalidade de Carlos como uma característica de nosso tempo, acabamos por compreendê-lo a ponto de não apontá-lo, tal quais alguns dos personagens da trama fazem, como um ladrão, mal intencionado desde o princípio.



Ao ver o filme, nosso principal questionamento é o que leva Lora a se relacionar com Carlos. Além da solidão – que será abordada mais a frente – o fato da apresentadora se sentir importante na vida de seu amante é um ponto a ser analisado. Ela não é importante porque Carlos se joga a seus pés ou implora pela volta ao relacionamento, ela é importante, pois representa para ele alguém que detém sabedoria, e que compartilha seu conhecimento, ela está para ele quase como uma deusa, alguém que está acima e, portanto, ela fica envaidecida ao lado do amante, já que para ele, ela pode significar tanto, o tanto que não significa para ninguém que está próximo (sua mãe, sua filha, amigos).

Apesar de ser diversas vezes alertada para que ele poderia ser um golpista, ou ainda quando diziam que eles não podiam se relacionar por serem tão diferentes (motivo pelo qual ela interrompe, de vez, no final do filme, a relação), Lora enxergava Carlos – como Žižek (2003, p.25) diz ser uma das características da paixão na contemporaneidade – sem suas diferenças sociais, via nessas diferenças só o que lhe era aprazível. Mais a frente, no mesmo capítulo do livro *Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*, o autor cita o Homem-rato de Freud e o relaciona com o antagonismo de classes, o que também temos no filme. O casal de *O amor está no ar* também não consegue dissolver as diferenças sociais por completo e a ideia de uma possível conciliação das classes não se consolida. No filme, mesmo quando o relacionamento ainda tinha se abatido pela descoberta da traição, ele nunca foi bem aceito por aqueles que rodeavam Lora, exatamente por ela e Carlos serem quase o posto um do outro.

No final do filme, Lora nos é mostrada novamente apresentando seu programa no rádio tal qual estava no começo do filme, como se a turbulenta relação amorosa não tivesse ocorrido ou não tivesse a abalado. Žižek também escreve sobre os momentos traumáticos e como a sociedade atual o entende. Guardando as proporções de ele estar dissertando sobre eventos que afligem todo um país ou todo o mundo, mas como ele diz que “em razão de seu [do Real] caráter traumático e excessivo, não somos capazes de entrega-lo a nossa realidade [...] e, portanto, somos forçados a senti-lo como um pesadelo fantástico” (ŽIŽEK, 2003, p.33), e pode ser que Lora tenha compreendido a passagem de Carlos por sua vida como um pesadelo, como se ela estivesse dormido no começo do filme e acordado quando já havia calmaria.



## A solidão

O próprio Amylton de Almeida escreveu que *O amor está no ar* se tratava de um filme sobre a solidão. Isolamento este que leva a protagonista a se relacionar com Carlos.

Lora mora sozinha, sua única companhia é Jussara (Jacyrá Silva), sua empregada doméstica de longa data. A apresentadora é mostrada sem grandes relações afetivas, sem amigos, sua família – mãe, filha, neta, genro – aparecem, no máximo, duas vezes durante todo o filme e não se interessam muito por sua situação: ou só falam deles mesmos ou se interessam pelo dinheiro que Lora gastou com Carlos. Estamos, segundo Gilles Lipovetaky (1989, p. 49) num novo estágio do individualismo, que atinge não só as relações econômicas como afetivas, passando não só pelo outro, mas por nós mesmos, o que explica ou justifica o isolamento de cada um dos indivíduos dessa família:

Instaura-se um novo estágio do individualismo: o narcisismo designa a emergência de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo próprio e com o seu corpo, com outrem, [...] A idade de ouro do individualismo, concorrencial ao nível econômico, sentimental ao nível doméstico revolucionário ao nível político e artístico, chega ao fim.; afirma-se um individualismo puro, desembaraçado dos últimos valores sociais e morais que coexistiam ainda com o reinado glorioso do homo aeconomicus, da família, da revolução e da arte; emancipada de qual quer enquadramento transcendente, a própria esfera privada muda de sentido, entregue como está apenas aos desejos em transformação dos indivíduos. (LIPOVETAKY, 2005, p. 49).

A apresentadora de rádio é uma mulher perto dos 40 anos, separada, mãe de uma filha já casada e que tem grande sucesso profissional, esse perfil feminino não muito comum para época. Até hoje, quando apresentado um perfil como esse, é comum a conexão com as palavras “solidão” e “infeliz” (SANTOS, 2009). A solidão da protagonista é como da Deusa Vênus em sua colina, Lora tem o seu castelo, sua mansão, onde se refugia e está só, onde ninguém vai e ela fica rodeado por suas ópera e de onde sai quase sempre para trabalhar. Quem faz companhia a Lora é o seu trabalho, quase nunca sai de férias e ignora os possíveis pretendentes – exceto Carlos Henrique, é claro. Nossa protagonista pode ser só ou por escolha ou porque o passar do tempo a deixou assim.



A solidão, seja escolha ou condição, é uma das características da contemporaneidade (TEIXIERA, 2001) e mesmo assim, não é bem vista socialmente, “solidão” é uma característica da mulher solteira, tal qual “infeliz” também é. Então, há um constante apelo para que quem está em solidão deixe esta condição (mesmo que seja por vontade própria), pode-se buscar estímulos como nas mídias sócias, onde a Realidade Virtual aparece esvaziada (ŽIŽEK, 2003), mas nos preenche de um contato social – que não ocorre concretamente, mas nos alivia. O isolamento também é temido já que nos permite voltarmos para nós mesmos, demonstrando, assim, fragilidade (CAMANA, VENDRUSCOLO, 2010).

Lora encontra em Carlos a possibilidade de deixar a condição de isolamento, ele lhe dá atenção e carinho, enquanto ela lhe concede tudo o que sonhou: roupas, documentos, brinquedos, viagens. O que remete a percepção de que na pós-modernidade, os indivíduos passaram a usar uns aos outros como objetos e com fins objetivos.

O homem não vê mais o outro como seu companheiro, com quem pode conviver pacificamente e dividir experiências, mas sim como adversário, com quem deve competir para estabelecer seu espaço. O humano passou a “usar” o outro. As relações interpessoais existem somente até que sejam vantajosas. As relações sociais são conflituosas, temporárias e estratégicas, e só são mantidas enquanto forem convenientes. (CAMANA; VENDRUSCOLO, 2010)

Essa desconfiança constante dos indivíduos com os outros, leva com que nos isolemos temendo sempre ser vítimas de golpes e de pessoas que tentam “se aproveitar” de nós. Lora em nenhum momento desconfiou de uma aproximação aproveitadora de Carlos, que sim, conseguiu casa, dinheiro, diversão às custas de Lora, mas que parece, a primeira vista, ter se sentido prejudicada, já que ela volta a se relacionar com ele ou não se importou com o “golpe” já que ele, verdadeiramente, a tirava da situação de isolamento que ela se encontrava.

O relacionamento amoroso é muitas vezes visto como a saída para essa condição de solidão, tal como Lora Berg fez. Ele nos proporciona contato físico, apego, segurança e compromisso. Procura-se estar acompanhado para não buscar a reflexão interna sobre nós mesmo e fugirmos dos nossos medos e das nossas fraquezas.





## **Considerações Finais**

Amylton de Almeida, roteirista e diretor de *O amor está no ar*, era um intelectual muito importante no Espírito Santo, apesar de não ter concluído os estudos, sendo autodidata. Foi considerado, por sua biógrafa Jeanne Bilich (1996), um legítimo representante de sua geração. Assim, podemos entender que realmente houve intenção do autor em gerar diferentes debates com sua obra e que estava em consonância com a época em que foi feita.

Com grande conhecimento cinematográfico – Amylton foi também crítico de cinema em um importante jornal do estado – o diretor usou de várias possibilidades da linguagem cinematográfica (o uso de espelhos, dos contrastes...) que não foram se quer analisados nesse artigo. Já pretendíamos uma abordagem menos estética, mas que podemos perceber na análise da trilha sonora.

O longa-metragem aqui analisado se mostrou em convergência com os aspectos da pós-modernidade e, por isso, podemos encontrar parâmetros para a construção do estudo. Podemos perceber que a paixão de Lora por Carlos não só demonstra o encontro de duas classes sociais diferentes e de pessoas com oportunidades diferentes, como que ela representa para a protagonista um afeto incomum e a possibilidade de ser importante na vida de um indivíduo e para o amante, além das possibilidades financeiras, representa uma oportunidade que ainda não teve, de estar em mundo que normalmente não lhe é concedido.

O filme tem como plano de fundo as diferenças, sejam elas de idade, financeira ou social, mas trata como tema principal a solidão. A solidão que o mundo contemporâneo e a urbanidade trazem para os cidadãos, que tentam preencher o vazio de diferentes maneiras e a forma escolhida para ser retrata era o afeto de um relacionamento amoroso. Por uma via estão os solteiros que procuram companhia em um programa de rádio especializado em proporcionar namoros, ouvintes que enviam cartas e marcam encontros na esperança de que suas “caras-metades” estejam em algum lugar da cidade. Outros ouvintes que não vão os programa ou até já tem relacionamentos, mas tem a apresentadora como companhia diária, a voz que lhe faz companhia.



Em outra via temos o casal protagonista, a história principal do curta. Uma mulher bem sucedida que se apaixona por um jovem que teve poucas oportunidades e acaba por se transformar em mais do que uma amante, se transforma em uma espécie de “deusa” que pode levá-lo à um novo patamar, onde não há problemas, há uma riqueza de culturas e ensejos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amylton. E o filme? Considerações políticas e estéticas (à margem do naturalismo). **Você**. Vitória, ano 3, n.30, p.25-28, maio de 1995.

‘AMOR está no ar’ aborda romantismo no rádio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de agosto de 1997. Ilustrada, p. 7.

BILICH, Jeanne. A sonhar eu venci mundos, minha vida um sonho foi. In: Gomes, Deny (org). **A Múltipla Presença: vida e obra de Amylton de Almeida**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

CAMANA, Juliana; VENDRUSCOLO, Vanessa. A solidão e o isolamento humano na modernidade refletidos nas personagens de *O quarto fechado* de Lya Luft. **Revista de Estudos Literários Sedah**. [S.I], ano 1, n.1, p. 64-73, 2010. Disponível em <<http://revistasedah.files.wordpress.com/2010/08/a-solidao-e-o-isolamento-humano-na-modernidade-refletidos-nas-personagens-de-o-quarto-fechado-de-lya-luft.pdf>> Acesso em 13 de maio de 2013.

FILMES Brasileiros Lançados 1995-2011. [S.I]: ANCINE, [2012?] Disponível em <<http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2102a.pdf>> Acesso em 01 de maio de 2013

GOLÇAVES, Fabiano; SIQUEIRA, Marcelo. O amor está no ar: memórias da busca de um sonho. In: Gomes, Deny (org). **A Múltipla Presença: vida e obra de Amylton de Almeida**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

HALL, Stuart. (1992) **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



LIPOVETAKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Editora Manole, 2005.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

NAGIB, Lúcia. **O cinema da retomada**: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90. São Paulo: Editora 34. 2002.

O AMOR está no ar. Direção: Amylton Dias de Almeida. Produção: Luciana Vellozo: LCA Produções, 1997. 82 minutos, son., color.

PRODUÇÃO peruana destaca-se em Gramado. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 de agosto de 1997. Caderno 2, p.60.

SANTOS, Ingrid Cristina. A representação social da mulher solteira no mundo feminino. **Polêmica**. Rio de Janeiro. Volume 8 (3), p. 107-113 jul/set de 2009. Disponível em <[http://www.polemica.uerj.br/8\(3\)/artigos/contrib\\_1.pdf](http://www.polemica.uerj.br/8(3)/artigos/contrib_1.pdf)> Acesso em 12 de maio de 2013.

TEIXEIRA, Elsa Guedes. Solidão, a busca do outro na era do eu: estudo sobre sociabilidades na modernidade tardia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, n. 35, abr. 2001. Disponível em <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292001000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 13 maio 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real!**: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Biotempo Editorial, 2003.